



# LEITURA EM LÍNGUA INGLESA: ETAPAS, CONCEITOS E ESTRATÉGIAS

Iasmim Máira Santos Silva, [iasmim.maira@upe.br](mailto:iasmim.maira@upe.br)  
Renê Cabral Henriques Neto, [rene.cabral@upe.br](mailto:rene.cabral@upe.br)  
Gisele Pereira de Oliveira, [gisele.pereira@upe.br](mailto:gisele.pereira@upe.br)

## RESUMO

O presente artigo aborda o processo de aprendizagem e dificuldade no desenvolvimento de habilidades leitoras em uma segunda língua de alunos do ensino superior e foi apresentado e acompanhado com dinâmicas performadas com alunos do segundo período do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. As dinâmicas tiveram base em dicas e objetivos para os educadores de língua estrangeira contidos nas obras *Teaching and Learning in the English Classroom* (2003), de Tricia Hedge, juntamente com o artigo “Teaching Reading Comprehension To Esl/Efl Learners”, de Hesham Suleiman Alyousef, no qual este artigo se embasa em sua maior parte, e “Learning how to read in English as a foreign language: issues in Italian secondary school teaching and the role of strategy instruction”, de Gloria Burchiellaro. Concluímos que, apesar das dificuldades, a leitura é essencial para a fluência em uma língua estrangeira e não se dá somente aprendendo tal língua, como também transferindo estratégias cognitivas e habilidades da língua materna.

## Palavras chave:

Leitura, Habilidades Linguísticas, Metodologia, Ensino De Língua Estrangeira, Língua Inglesa.

## INTRODUÇÃO

Hoje em dia, sabe-se que ter um bom desenvolvimento das quatro habilidades, *speaking*, *listening*, *writing e reading* (fala, escuta, escrita e leitura), numa língua estrangeira é essencial para a fluência. *Reading*, assim como *writing*, é uma habilidade que exige maior esforço cognitivo, já que não ocorre por apreensão como *speaking*, por exemplo. Essa habilidade, então, conta com várias estratégias que devem ser exploradas pelos professores e têm o objetivo de desenvolver a leitura e compreensão textual pelos alunos e mostrar possibilidades metodológicas aos professores como ensinar estudantes que possam ter dificuldade com essa habilidade.

Aspirando fazer com que os alunos desenvolvam uma boa habilidade de leitura, os professores têm de utilizar estratégias diferentes em sala de aula. Como se pode observar ao longo do artigo, os professores podem se deparar com alunos que não possuem um desenvolvimento na leitura para entender textos bem elaborados. Com isso, é necessário fazer

Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.



com que os alunos se familiarizem com a língua estrangeira estudada, o que facilitará o desenvolvimento da habilidade leitora, e fortalecerá o controle da estrutura sintática complexa. Além do mais, o conhecimento de mundo do aluno é muito importante para que ele entenda o que está sendo lido, já que leitura não é apenas decodificar palavras, mas sim uma associação do conhecimento de mundo do leitor com a informação existente no texto lido.

Na parte inicial do trabalho, apresentamos situações para o desenvolvimento das habilidades na leitura, com base na obra *Teaching and Learning in the English Classroom* (2003), de Tricia Hedge, que mostra objetivos para auxiliar o desenvolvimento leitor do aluno. Em seguida, falamos sobre a definição do que seria *reading* e a importância das estratégias nessa habilidade segundo Hesham Suleiman Alyousef (2006). Também é falado da relevância da pluralidade das estratégias de leitura conforme Guthrie (1996) e, para concluir, apresentamos algumas dicas sugeridas por Eric H. Hobson em *Getting Students to Read: Fourteen Tips* (2004).

## **PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE LEITURA (*READING*)**

No campo do ensino superior das línguas estrangeiras, há uma grande dificuldade enfrentada por educadores quando se trata do ensino da leitura. Afinal, subentende-se que um estudante ingressa em uma universidade já dominando esta competência. Não é esperado que o aluno saiba ler, mas que tenha leitura instrumental desenvolvida suficiente para compreender facilmente textos acadêmicos. No entanto, a maior parte dos que estão nos estágios iniciais de sua graduação ainda passam por dificuldades para lerem textos mais elaborados.

Dito isso, pesquisadores da área vêm desenvolvendo técnicas e estratégias para guiarem os professores que ensinam futuros acadêmicos. Tricia Hedge, em seu livro *Teaching and Learning in the English Classroom* (2003), cria uma lista de objetivos a serem cumpridos pelos professores que auxiliam o aluno a desenvolver habilidades leitoras, tais como “adaptar-se a um estilo de leitura de acordo com seu propósito (ex. *skimming* e *scanning*)”. Porém, é importante que, além de traçar objetivos, os professores tenham conhecimento do que é necessário para a realização da habilidade de leitura.

Para que se possa falar sobre os aspectos necessários para o *reading* é essencial conhecer a definição dessa habilidade. Conforme Alyousef, pode-se definir que leitura não é apenas um

**Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.**



processo de decodificação, já que é uma combinação entre o conhecimento que o leitor possui e a informação existente no texto. Isso fica claro quando ele afirma que “*Reading can be seen as an “interactive” process between a reader and a text which leads to automaticity or (reading fluency)*” (ALYOUSEF, 2006, p. 64). Diante disso, Alyousef também nos apresenta maneiras de melhorar a habilidade de leitura, sendo elas: a expansão de vocabulário, que facilita a compreensão do leitor sobre qualquer tipo de texto e favorece o reconhecimento de palavras; e possuir um controle maior sobre a estrutura sintática complexa, visto que isso produz uma relação lógica que dá um significado compreensível e completo.

Estratégias são indispensáveis quando se fala de um desenvolvimento na compreensão da leitura, e Alyousef (2006) nos mostra que “*cognitive strategies*” são bastante importantes, já que um bom conhecimento de mundo é necessário para que exista uma melhor interação entre o leitor e o texto.

Burchiellaro (2013) também fala sobre desenvolver a habilidade no ato de praticar mais a leitura, com textos selecionados cuidadosamente pelo professor, e a importância da elaboração de uma avaliação de leitura para com os alunos. Além disso, Burchiellaro faz a seguinte afirmação com base em Carrell (1991): “*Carrell (1991) presents a study to determine whether second language reading is equal to first language reading added to second language proficiency (L2 Reading = L1 Reading + L2 Language Proficiency)*” (BURCHIELLARO, 2013, p. 18). Com isso, entende-se que o *input* recebido por um estudante de língua estrangeira na sua própria língua pode ajudar na leitura realizada por ele nas duas línguas, pois a habilidade de leitura que ele possui na língua materna somada à proficiência da língua estrangeira é igual à sua habilidade de leitura na língua que é estudada. Conforme a autora afirma, esquemas e habilidades de leitura são fundamentais para o estudo de aquisição de uma língua estrangeira. Com isso, pode-se perceber, então, que os métodos de leitura como *skimming* e *scanning* podem ser usados tanto no inglês como em qualquer outra língua.

Segundo Guthrie (1996), um dos maiores erros dos pesquisadores é se prender ao estudo de apenas uma estratégia de leitura, quando, na verdade, seria muito mais valioso que se dedicassem a várias. Além disso, Guthrie critica o fato de poucos estudos se dedicarem à motivação e ao engajamento da leitura. Sobre o segundo, o autor classifica a leitura engajada como sendo responsável por motivar, construir conhecimentos, possibilitar o uso de estratégias cognitivas e, principalmente, fazer os leitores interagirem socialmente com o objetivo de entender e aprender com o texto. Para Carrell (1987), compreensão é um conceito complexo,

**Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.**



pois vários pesquisadores definem-na de maneiras distintas, especialmente devido aos seus múltiplos fatores, que dependem de comportamentos e cognição.

Um dos métodos mais utilizados com foco na compreensão do texto é o método ETR (*Experience-Text-Relationship*), que é dividido em três etapas. A primeira etapa, *experience*, é o momento no qual o professor guia uma discussão acerca do assunto da leitura, com o objetivo de ativar o conhecimento de mundo dos leitores. As atividades de *pre-reading* se mostram efetivas nessa etapa, pois incentivam o *prior knowledge* dos estudantes. Em seguida, na etapa *text*, os alunos iniciam a leitura de pequenas partes do texto. Durante essa etapa, o professor realiza um monitoramento a fim de solucionar ocasionais dúvidas que os estudantes possam ter. Na última etapa, *relationship*, o professor se preocupa em ajudar os alunos a relacionar seus conhecimentos próprios com os conteúdos da leitura. O intuito desse método é fazer com que os leitores compreendam os processos cognitivos necessários para o sucesso de uma leitura.

Ao iniciar uma leitura, nossos conhecimentos formais, linguísticos e de conteúdo interagem entre si, fazendo com que possamos adquirir o *meaning* do texto. *Meaning*, ao contrário do que se pense, não se limita à mensagem; é, na verdade, uma junção da estrutura do texto (criado pelo autor) com o conhecimento prévio do leitor ao entrar em contato com a produção (Carrell, 1987, tradução nossa). Há uma metáfora que diz que nossos conhecimentos estão, no cérebro, organizados de maneira sistemática, como em gavetas, e quando começamos uma leitura em língua estrangeira, conhecimentos que já possuímos daquela língua, juntamente com estratégias próprias para a prática da leitura, são involuntariamente ativados, ou seja, essas “gavetas” são abertas. Sendo assim, os professores devem ter a capacidade de guiar os alunos através dos processos necessários da leitura, para que os últimos consigam entender como ocorre a compreensão de um texto por meio da metacognição.

## ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO

Anderson (1999) propõe oito estratégias aplicáveis às aulas de leitura de ESL (English as a Second Language – Inglês como segunda língua) ou EFL (English as a Foreign Language – Inglês como língua estrangeira), que juntas formam a abordagem *ACTIVE*. Na primeira delas, chamada “*activate background knowledge*”, o conhecimento de mundo do leitor é avaliado como um dos maiores responsáveis pelo sucesso da leitura. Todavia, como o pesquisador afirma, o professor deve monitorar os estudantes no momento de ativação desse conhecimento,

Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.



uma vez que, mesmo que possua expectativas acerca da recepção dos alunos, nunca se sabe, de fato, se estão interpretando ou compreendendo o texto como foi esperado.

Dentre as demais estratégias propostas por Anderson, destacamos a terceira, “*teach for comprehension*”, que coloca a compreensão como o principal foco das aulas de leitura e dá, a ela, um papel indispensável na aquisição do *meaning*. Como o autor afirma, “*meaning* é atingido quando o leitor integra seu conhecimento prévio pessoal, o propósito da leitura, estratégias de leitura e o texto. O professor facilita o processo ao ensinar os estudantes como fazer isso.” (ANDERSON, 1999, p. 39, tradução nossa). Infere-se, assim, que para atingir a total compreensão do texto, os leitores precisam entender não somente o que está escrito, mas também os aspectos cognitivos e comportamentais que os levam à compreensão. Assim, chegamos no conceito de metacognição, que pode ser entendida como uma reflexão sobre os próprios processos cognitivos necessários para a leitura e, em sala, deve ser constantemente utilizada pelo professor.

Ainda sobre a abordagem de Anderson, as três últimas estratégias, *building motivation in students*, *planning for instruction* e *selecting appropriate materials* são voltadas para, respectivamente, a importância da motivação dos estudantes, do planejamento e de materiais apropriados. Sobre essa questão, o autor propõe um método de ensino centrado no aprendiz, que, de fato, tem como principal objetivo fazer com que o estudante tenha participação direta na preparação da aula. Nesse método, o professor se preocupa em realizar atividades que instiguem a interação dos estudantes, como jogos, desafios, discussões e atividades em grupo, além de permitir que os últimos estejam inseridos no processo de seleção de materiais. Uma boa sugestão é o questionário de interesse de leitura proposto por Hedge (2003, p. 205), no qual os estudantes têm a possibilidade de preencher suas preferências em relação a gêneros ou autores específicos, por exemplo.

Nuttall (1996) sistematiza três principais critérios a serem levados em consideração para a seleção de materiais. O primeiro critério, *suitability of content*, tem relação com a motivação e interesse dos estudantes pela leitura. Sabemos que, mesmo sendo os melhores professores do mundo, se os alunos não têm interesse, as aulas nunca serão bem-sucedidas. Por esse motivo, os professores devem atribuir um papel essencial à motivação nas aulas de leitura. O segundo critério se chama *exploitability* e, nesse caso, o professor se preocupa em analisar o texto sob critérios de utilidade, isto é, se a leitura em questão serve, de fato, para desenvolver a habilidade dos alunos e se os propósitos da leitura podem ser atingidos. O terceiro e último critério,

**Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.**



*readability*, se refere a aspectos gramaticais e lexicais, ou seja, à estrutura da mensagem. Nesse critério, o professor analisa a dificuldade de aspectos estruturais da mensagem, como o vocabulário e a organização do texto, percebendo se esses aspectos correspondem às capacidades de seus estudantes.

Levando para o ensino superior, a expressão “menos é mais” pode ser utilizada quando falamos de aplicação de leitura. Sabendo disso, pode-se afirmar que a lista de leitura tem de ser selecionada cuidadosamente, fazendo com que, por consequência, a lista de leitura não seja extensa. Após tal análise, pode-se concluir que existe, então, uma valorização na qualidade do texto. Segundo Hobson (2004), os textos utilizados e selecionados devem fazer com que exista uma conexão entre o aluno e o curso, podendo gerar apresentações na sala de aula ou aparecendo o tema nas provas e testes.

Normalmente, os estudantes entram na universidade sem a capacidade de inferência. Inferir seria, em poucas palavras, entender ideias “ocultas”, ou seja, que não estão explícitas no texto, mas podem ser compreendidas. Nesse sentido, o professor tem o papel de tornar “o implícito explícito”, o que dará assistência a estudantes que têm dificuldades em leitura e compreensão dos materiais do curso (MALEKI; HEERMAN, 1992). Ainda mais, os alunos precisam entender que as leituras do curso são importantes para o sucesso acadêmico. (TIBERIUS; SMITH; Waisman, 1998; LEAMSON, 1999; BEAN, 1996).

Além disso, grande parte dos estudantes se sentem intimidados com o grau de dificuldade dos textos acadêmicos. Assustam-se com a complexidade da organização, vocabulário, extensão e expectativas sobre seu conhecimento de mundo (BEAN, 1996; MALEKI; HEERMAN, 1992). Como Lowman (1995) sugere, uma boa dica é o professor antecipar a leitura em sala, isto é, falar das razões para se ler o texto em questão, com o objetivo de instigar o interesse dos leitores. Hobson (2004) propõe que, nos níveis mais iniciais, os professores podem citar os livros que serão lidos, o que vai gerar curiosidade e, conseqüentemente, motivação para ler. Além disso, utilizar parte da aula para uma discussão sobre uma leitura futura é importante, pois, sabendo que utilizarão o texto para a resolução de atividades e aquisição de notas, os estudantes irão se preocupar com a leitura a ser abordada em sala (BEAN, 1996; DAVIS, 1993; CANNON; NEWBLE, 2000).

A avaliação dos alunos é essencial para que eles possam desenvolver uma boa habilidade de leitura, pois quando não existe uma avaliação para com os alunos dos professores, os alunos acabam sentindo uma falta de preocupação por parte do professor. Segundo Hobson

**Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.**

(2004), se a avaliação não existir, os alunos podem adquirir uma posição silenciosa, dessa forma, não são capazes de desenvolver a habilidade de compreensão e, portanto, possuem fraco desenvolvimento do posicionamento crítico.

Antes de designar leituras para os alunos, os professores devem também ter a certeza de que eles são capazes de utilizar o que é necessário para compreender um texto. Além disso, a universidade espera que os alunos saibam utilizar estratégias para a leitura de um texto simplesmente por serem universitários, como afirmam Nist e Kirby (1989). Sendo assim, os professores devem realizar aulas de ensino de estratégias de leitura, que vão desde as mais simples (como a marcação de palavras em um texto) até as mais complicadas, como *top-down* e *bottom-up*, que serão explicitadas no tópico a seguir.

## ESTRATÉGIAS PARA OS LEITORES

Neste tópico final, apresentaremos algumas estratégias de leitura com base em Burchiellaro (2006):

- **Top-down e bottom-up:** Dois processamentos muito utilizados para a leitura em uma língua estrangeira são o *top-down* e *bottom-up*. O primeiro é referente à utilização de processos cognitivos para compreender a mensagem do texto, isto é, habilidades de inferência, conhecimento de mundo, experiências, expectativas, etc. O segundo, geralmente focalizado em níveis iniciais, refere-se a uma percepção de aspectos de decodificação, como letras, palavras, morfemas, frases e pistas gramaticais e de discurso. Vale lembrar que os processamentos não ocorrem de forma separada, ou seja, não deve haver *top-down* sem *bottom-up* e vice-versa.
- **Skimming e scanning:** Normalmente as estratégias de leitura mais utilizadas, *skimming* e *scanning*, segundo Brown (2007), são as mais valiosas para os leitores em língua estrangeira e língua materna. *Skimming* consiste em ser feita uma leitura rápida do texto, focando-se apenas em algumas frases. O objetivo é captar a ideia geral tratada, pois com uma bagagem de conhecimento que o aluno traz, o reconhecimento do conteúdo é facilitado. Já *scanning* resume-se a uma leitura rápida feita com foco em datas, endereços, nomes, números etc. Este objetivo necessita de outros para ser cumprido, que seriam: se familiarizar com a língua para facilitar a habilidade leitora; fortalecer o conhecimento estrutural dos textos e a habilidade de ler uma quantidade extensa de textos, que é o que muitos professores procuram conquistar em salas de aula.

Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.



• **Intensive e extensive reading:** A leitura pode ser dividida em dois tipos: intensiva e extensiva.

A leitura intensiva dá prioridade à qualidade, ou seja, textos não muito longos que serão analisados com base em algum objetivo específico, por isso, apresentam grau de dificuldade maior. Por outro lado, a leitura extensiva prioriza a quantidade e consiste numa leitura de diversos textos, normalmente de um grau de dificuldade proporcional ao nível de conhecimento dos alunos, com o objetivo de aperfeiçoar a fluência.

• **Pre-, while- e post-reading:** Inicialmente, essas atividades de *pre-reading* são essenciais, pois preparam os alunos para a leitura: o foco dessas atividades é ajudá-los a preparar seus conhecimentos de mundo e seus conhecimentos prévios para dar auxílio a leitura. Após isso, o *while reading* funciona quando um objetivo é dado aos leitores durante a leitura do texto, pois nunca lemos nada apenas por ler, já que sempre temos um objetivo, seja ele encontrar ou aprender algo. E, finalmente, deve acontecer o *post-reading* após a leitura que possui uma grande variedade de opções: interpretação, explorar vocabulário e estruturas gramaticais, e ainda pode-se fazer com que os alunos realizem uma produção textual acerca do que foi lido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi explicitado neste trabalho, percebe-se que o trabalho para o desenvolvimento da habilidade leitora em sala de aula não parte apenas dos alunos. Nesse sentido, foram sugeridas estratégias dedicadas ao ensino (como a abordagem *ACTIVE*) segundo Alyousef (2006) e Hobson (2004), e estratégias dedicadas aos estudantes (como *skimming* e *scanning*, *top-down* e *bottom-up*, etc.) baseando-se em Burchiellaro (2013).

Ao adaptar sua metodologia para o ensino de leitura e incentivar os alunos a realizarem a metacognição, o professor estará mais propenso a conseguir formar leitores capazes de compreender informações de um texto, selecionando temáticas centrais e associando-as às expectativas produzidas pelo conhecimento prévio.

Tendo em vista que o foco do estudo foi a leitura numa língua estrangeira no ensino superior, em específico o Inglês, este artigo abordou as dificuldades do aprendizado de uma segunda língua e, além de apenas explicitar problemáticas, também foram sugeridas soluções para as possíveis dificuldades. Nesse sentido, se o professor conseguir enxergar suas aulas de leitura como um ponto de empenho mútuo seu e dos alunos, no qual ele é responsável pela dissolução de dificuldades e ensino de estratégias, suas aulas de leitura serão bem-sucedidas.

Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.





## REFERÊNCIAS

ALYOUSEF, H. S. **Teaching Reading Comprehension To ESL/EFL Learners.** *Journal Of Language And Learning, Volume 5, Number 1, 2006.*

BURCHIELLARO, g. (2012/2013). **Learning how to read in english as a foreign language:** issues in italian secondary school teaching and the role of strategy instruction. curso di laurea magistrale in lingue e letterature europee e americane classe lm-37. università degli studi di padova, 2013.

HOBSON, E. H. **Getting Students to Read: Fourteen Tips.** *Idea Paper #40, 2004.*

Eixo 1 - Mediação didática e pedagógica.